This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

PQ
9261
A75 F6

UC-NRLF

$B 260 992

IN MEMORIAM
Joaquim Borges de Menezes

BINDING
PREP. DIV.
g

JOAQUIM DE ARAUJO

FLORES DA NOITE

VERSOS

PORTO
Livraria Internacional de Ernesto Chardron
CASA EDITORA
Successores LELLO & IRMÃO
1894

Todos os direitos reservados

GIFT

FLORES DA NOITE

OBRAS DO AUTOR

VERSOS

Lira intima — 1 volume.
Um verso de Camões (fóra do mercado) — opusculo.
Luis de Camões (poemeto, com uma carta de Eça de Queiroz), 3.ª edição — 1 volume.
Poetas mortos — opusculo.
O Intermezzo de Heine — 1 volume (2.ª edição no prélo).
Occidentaes — 1 volume.
Carta a João dos Bules — opusculo.
Estatua do Poeta, 2.ª edição — opusculo.
Canção do berço, poemeto.
Na morte de Anthero, poemeto (exgotado).
Romanceiro (no prélo).
Flores da noite — 1 volume.

PROSA

Projecto de reforma de Estatutos da Sociedade de Geographia Commercial do Porto.
A Historia de Portugal de Oliveira Martins por Emilio Castellar (versão e prologo).
A elegibilidade dos novos procuradores á Junta geral do districto (carta ao ill.mo e exc.mo sr. cons. J. Luciano de Castro) — opusculo.
A medalha a João de Deus (Relatorio e contas).
Sobre o tumulo de Camillo, 2.ª edição.
Monstruosidades do tempo e da fortuna — opusculo.
A Commissão Portuguêsa da Exposição colombina (relatorio official e prologo das *Memorias do cent. da descoberta da America*).
Primeiras leituras — Selecta infantil.
Elencho dos livros, mappas, etc., enviados á exposição de Madrid.
Os Açores a Colombo (com Gabriel de Almeida).
Esboços e notas (no prélo).
O Cavalleiro de Oliveira e a sociedade portuguêsa do seculo XVIII (a entrar no prélo).
Viajantes estrangeiros em Portugal (em preparação).
Ari Camonien (com Platon de Waxel).
Acerca dos versos de João de Deus — opusculo.

EDIÇÕES CRITICAS

Os Lusiadas — edição da cidade do Porto.
Alma minha gentil (glosa do Judeu).
Cartas de Camillo Castello Branco a Joaquim de Araujo.
A amada de Camões, de José de Oliveira Macedo (fóra do mercado).
Discours pathétique... do Cavalleiro de Oliveyra.
Os doze de Inglaterra — episodio dos *Lusiadas* (fóra do mercado).
Cadencias vagas, de Anthero de Quental (fóra do mercado).
Bibliographia Camoniana, de Affonso do Valle Cabral.
Zara — edição polyglota (fóra do mercado).

JORNAES E REVISTAS

A Harpa.
Diario Nacional.
Renascença (orgão dos trabalhos da geração moderna).
Circulo camoniano — 2 volumes.
Annaes de bibliographia portugueza.
A Esmola (numero unico).
Boletim da Soc. de Geographia Commercial do Porto, 2.ª serie — N.os 1 a 3.
Oito de setembro (com J. P. de Sampaio, Bruno).

JOAQUIM DE ARAUJO

A Illustrada Redacção do "Amigo dos Catholicos" Offerece

FLORES DA NOITE

Os Editores

VERSOS

J. de Meneses, Cultores. Terceira. Açores.

PORTO
Livraria Internacional de Ernesto Chardron
CASA EDITORA
Successores LELLO & IRMÃO
1894

Todos os direitos reservados

Tiram-se deste livro 6 exemplares especiaes, reservados do auctor

Anacio, Joaquim de, 1858-
Reg. of Charles Woodbridge
GIFT

Porto: Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70

PQ9261
A75F6

A

MARIA MODERNO

—

Mandaste-me um abraço,
Amor dos meus amôres!
Pois eu transponho o espaço,
E poiso em teu regaço...
Flôres...

11 de agosto, 94.

J. de A.

M745111

FLORES DA NOITE

CANÇÃO

Chamaste-me teu filho,
Bemdita sejas tu!
Doiraste com teu brilho
O meu deserto nu:
Chamaste-me teu filho,
Bemdita sejas tu!

O teu olhar celeste
No meu olhar poisou.
Vieste, emfim, vieste...
A doce luz raiou!
O teu olhar celeste
No meu olhar poisou.

Tinha no peito um ninho
De limpido fulgôr,
Feito de puro arminho,
De immaculado amor...
Tinha no peito um ninho
De limpido fulgôr.

Mas a avesita alada,
Que lá cantava ao sol,
Na magica toada,
Da voz do rouxinol,
Mas a avesita alada,
Que lá cantava ao sol,

Voou, voou um dia,
Na tragica amplidão,
Deixando na agonia
Meu pobre coração.
Voou, voou um dia,
Na tragica amplidão.

E as magoas doloridas
Entraram a chorar,
Em extase, vencidas,
Banhadas do luar;
As magoas doloridas
Entraram a chorar.

Choravam de saudade,
Choravam de amargor,
Choravam de piedade,
Num íntimo clamor.
Choravam de saudade,
Choravam de amargor.

*

Rosa de casto brilho,
Então passavas tu...
Chamaste-me teu filho,
E ao meu deserto nu
Encheste-o do teu brilho...
Bemdita sejas tu!

(Musica de Roncaglia).

BLASPHEMIA SENTIMENTAL

—

FITANDO palido o luar bemdito
Dos teus olhos leaes, eu morreria,
Como o Christo dulcissimo e contricto,
De olhos postos no vulto de Maria.

É que ás vezes — e hoje éra uma dellas! —
Quando a teu lado estou, meu dôce bem,
Sinto, á luz dessas timidas estrellas,
A illusão de que ainda tenho Mãe...

SANTA IRIA

AO CONDE DE RESENDE

«O PEQUENO dedal nos dedos finos,
Ella cosia á porta do casal,
Alevantando os olhos peregrinos
Ao ceu azul de limpido cristal.

«Passava o cavalleiro desleal,
Ferino o instincto, os braços assassinos...
E levou esse lirio virginal,
Desbotando-lhe os labios purpurinos.

«E, impiedoso, matou-a...» No alvo rosto
Da minha amada, um intimo desgosto
Se esbateu, para em mim achar abrigo...

É que a Lenda tambem me despertára
A infancia, ao longe, rumorosa e clara...
Que nostalgia dêsse tempo antigo!

1889.

ALVÉOLA

A LUIS MODERNO

Á NOITE, quando dormes embalada
Num sonho aereo, timido, suave,
Como no ninho a pequenina ave,
Sob a aza de Deus agasalhada,

Visão grácil de múrmura ballada,
Doce Madona em misteriosa nave,
Ha no teu vulto dulcido de agave
A frescura das tintas da alvorada.

Então, meu taciturno pensamento,
Mais rapido, mais rapido que o vento,
Vae ter comtigo, vae beijar-te, flôr!

E nos teus sonhos côr-de-rosa passa,
Cheia de luz e de perfume e graça,
Como uma nuvem de infinito amor!

1892.

O COVEIRO

AO DR. THOMÁS DE CARVALHO

Moça e amada, casára nesse dia
A filha do coveiro. O pobre lar
Festivo, embandeirado, parecia
Um pitoresco e radioso altar.

Que esplendente, que limpida alegria!
Ecôa palpitante pelo ar
Das violas a languida harmonia,
Esbatida na luz crepuscular...

Horas felizes passam num momento!
— O coveiro, cavado e macilento,
Breve da ingenua festa desertava,

E, posta ao hombro a enxada, silencioso,
Seguia absorto, lento e misterioso,
Pelos caminhos que o luar banhava...

SULAMITA

A LUIS BOTELHO

«TRAGO-O dentro de mim, o meu Amado,
Dentro em meu coração ao sol desperto,
Como em berço de estrellas embalado,
Sob as palmeiras verdes do deserto.

«Dorme sorrindo, dorme socegado,
Tem na fronte de luz um ceu aberto:
Como o linho floresce, além, no prado,
Alveja-lhe na boca um riso incerto.

«Ah! deixal-o dormir no brando ninho,
Que eu lhe fiz, de assucena e rosmaninho...
Ah! deixal-o dormir, o meu Amado:

«Que o vinho dos seus olhos graciosos
Embebeda os meus olhos amorosos.
Num doce encantamento de noivado...»

1891.

PUDORINA

A MAXIME FORMONT

Á CABECEIRA do seu leito airoso,
Chorava um Christo, — scismador ethereo,
Nos olhos tristes um fulgor sidereo,
Á flôr dos labios um sorriso unctuoso...

Ella resava, meiga, em tom piedoso,
Ante essa imagem cheia de misterio,
Os versiculos santos do psalterio
Dum coração ingenuo e religioso...

Mas quando o somno, lento, a subjugava,
Nunca ás finas bretanhas confiava
O corpo branco, doce e delicado,

Sem primeiro tirar de sobre o leito
O Christo palido, — a dormir affeito
Do *guéridon* no marmore nevado. . .

SIAMO FRATELLI

A H. DE M.

Minha irman! que doçura e que harmonia,
Neste nome tão simples — Minha irman!
Nem mais suave a doce cotovia
Sauda o brilho ethereo da manhan.

Como um pharol bemdito, elle irradia
Nos ermos da existencia escura e van...
Minha irman! que doçura e que harmonia,
Neste nome tão simples — Minha irman!

Não antever crepusculo de aurora,
Ser condemnado á noite indefinida
E achar tamanha luz compensadora!

Ah! por todos os circulos da vida,
Ver-te-ei, junto a mim, consoladora,
Pois que és a minha irman estremecida...

, 1893.

GUIDINHA

Não ha encanto no mundo
De mais suave expressão:
Visão de Graça num fundo
Feito de amor e perdão.

Pequenina miniatura
De um delicado missal,
Escrito pela Ventura
Com tinta primaveral,

*

A dôce luz dos seus olhos
Erra dolente, a cantar,
Como nas moitas de abrolhos
Se estende um manto de luar.

Se ella passa — que harmonia! —
Dentre as ramagens em flôr,
Na rosea sélva irradia
Um mar de som e de côr.

Nos beiraes, as andorinhas
Perguntam quem ella é:
Sonham servil-a sósinhas
Num pequenino *chalet*,

Onde em noites encantadas,
No seu idioma gentil,
Possam cantar-lhe as balladas
Dos Astros, no mez de abril.

Um ramo de balsamina
Sonhou que um dia viveu
Dentro da flôr pequenina,
Naquelle lirio do céo...

E de roixo que então era,
Logo ao romper da manhan,
Fez-se mais branco — ó chimera! —
Do que uma alma christan...

Disse o Rio, com meiguice,
Um dia, ao entardecer:
— Se ella em meu seio cahisse,
Nem a molhava sequer...

E um Poeta, um Visionario
Das coisas transcendentaes,
Perdido num mundo *vario,*
De *variedades*... reaes,

Vendo a flôr dos Universos,
Mais alva do que o marfim,
Prendeu-lhe estes pobres versos
Nas azas de cherubim. . .

DEA ADMIRABILIS.

AO DR. SOUSA MARTINS

Foi visão, que passou timidamente
Como que envolta num fulgor divino...
Esmorecia ao longe um violino,
Vesper cortava a escuridão do Oriente.

Consolação do extase dum crente,
O seu candido rosto peregrino,
Através do meu palido destino,
Despontou, como um sonho, vagamente.

'Onde foi? 'onde foi? Levanto os braços,
A procurar nos cerulos espaços
Um rastro do seu manto sideral...

Mas só fital-a posso entre as figuras
Dum antigo missal de illuminuras,
Coevo das legendas do San Graal...

No Mar-Alto, 1893.

A ANTONIO FOGAÇA

Chovam as lagrymas do ceu
Na triste cova que te encerra!
Sejam um balsamo na terra,
Em que o teu corpo se escondeu.

Além, por entre os pinheiraes,
Passa um murmurio de piedade:
As pombas voltam aos pombaes
Cortando o azul da immensidade.

Poetas! vinde ao vosso irmão
Dar-lhe a suprema despedida!
Soltae a prece mais sentida.
Do vosso ardente coração!

Rosas de luz, rosas de abril,
Que lhe surgieis pela estrada!
Cubri a cova abandonada
Daquelle espirito gentil!

Noiva! adorada e pura flôr!
Se uma catastrophe t'o leva,
Como contraste áquella treva,
Oppõe-lhe a luz do teu amor!

Aves de canto virginal!
Velae aquella sepultura
Na ramaria verde-escura
Do religioso ciprestal.

Ali, — ó trémulas visões!
Brancos fantasmas doloridos!
Roçae a fimbria dos vestidos,
Da Lua aos palidos clarões!

Lirio não ha, que se não tisne,
Da morte á luz crepuscular...
Mas tu morreste como o cisne,
Que fica exanime a cantar!

NO LEQUE DE MIMI

Dirão talvez: Leque da côr do céo,
Onde os anjos circundam a Madona...
Por mim, eu digo simplesmente: Leque...
Côr da alma da dona...

1890.

NA MORTE DOS FILHOS DE TH. BRAGA

A JOÃO DE DEUS

«Guiando-se um ao outro á sepultura»,
Elles entraram na mansão escura
Emballados, em lagrymas, em ais...
Hão de nascer ali cecéns e rosas,
Mas essas boas flôres misteriosas
Trazem na seiva o coração dos paes...

COMEDIA A SERIO

A JOÃO MACHADO DE FARIA E MAIA

ACTO I

O POETA

Á LUZ sideria da Lua,
Só contemplo, meu amor!
O sacrosanto fulgôr,
Que brota da imagem tua.

Cae sobre mim a alvorada
Ingenua e fresca de abril,
Quando escuto a serenada
Da tua voz infantil...

Criança dos meus anhellos!
Lirio divino e suave!
Fosse eu pequenina ave...
Prendia-me em teus cabellos!

MAVILDIA (*no peitoril da janella*)

Ver-te é sentir a ventura,
Olhar-te é um foco de graça...

O POETA

Rompe o sol, se a noite é escura
E se o teu vulto perpassa...

MAVILDIA

Não sei que fluido me banha
Todas as cordas da alma...

O POETA

A solitaria montanha
Anceia a sombra da palma...

MAVILDIA

Os astros choram no céo...

O POETA

Doira a minh'alma de poeta...

MAVILDIA (*em voz trémula*)

Sonha commigo, Romeu!

O POETA

Sonha commigo, Julieta!

. . . . . .

*

ACTO III

MAVILDIA (*desfolhando um cravo raiado*)

A noite é fria. Bem sabes
Que sou franzina e doente...

O POETA

Ó meu amor! não acabes...
A noite é fria e silente!

MAVILDIA

Andam na dura nortada
Os écos de cem canções...

O POETA

Ophelia vae desmaiada,
No rio das illusões...

E a sua dôce figura
Duma auréola se veste
Tão luminosa e tão pura...

MAVILDIA (*semi-cerrando a janella*)

Que frio! que noite agreste!
Olha... amanhan, nos verêmos.

O POETA (*melancolicamente*)

Amanhan, pois, minha amada!

UM PESCADOR (*cantando ao longe, e concertando as redes*)

O barco já não tem rêmos...

MAVILDIA (*fechando a janella*)

Adeus, que estou constipada!

CHAILE AZUL

A RAFAEL ALTAMIRA

Sob o teu chaile azul, timida e friorenta,
Escondias, sorrindo, a cabecinha amada;
E o teu sereno olhar, que a Vida me acalenta,
Cantava para mim o alvor da madrugada.

Na *reverie* ideal, que as almas adormenta,
Eu subia, subia á região alada,
Onde, após o fragor sombrio da tormenta,
Como um iris de Paz, esplende a luz doirada.

Meu amor! meu amor! por sobre mim derrama
Do teu olhar astral a peregrina flamma,
Doce constellação do Cruzeiro do Sul,

E deixa-me um momento, um unico! a teu lado,
Descansar, meu amor! sob o manto adorado,
Tão simples e tão bom, do teu chailinho azul!...

VOGANDO

A GÖRAN BJÖRKMAN

—

Num desconsolo sem nome,
O tedio, que me consome,
Parece que não tem fim...
— Remador, meu velho amigo!
Vamos ao mar: vou comtigo
Á pôpa do bergantim...

— Olha os castellos, ao longe,
Meu melancolico monge,
Meu palido sonhadôr...
Olha os castellos cahidos,
Os poentes distingidos,
Os horisontes sem côr!

— Ainda te resta a chyméra
Dum sopro de primavéra,
Que te sorri do alto azul?
Vê: á flôr das aguas anda,
Como cahiu da varanda,
A taça do rei de Thule.

Queres tomal-a? Descança,
Incorrigivel criança!
O seu destino é boiar...
Mas onde vás? porque rota?
Nem uma triste gaivota,
Nas solidões dêste mar...

— Vou em demanda da ilha,
Onde existe a maravilha,
Que a minha vida encantou...
Um remo de oiro me leva...
— E andamos num mar de treva,
Que a ilha... não se avistou.

NO CEMITERIO

(*Thema de J. N. Vogl*)

AO CONDE DE FONTE-BELLA

Uma voz apressada e clamorosa
Arranca ao somno o tropego coveiro,
Que, ao abrir do portão, vê magestosa
A lusente armadura dum guerreiro.

— Ensina-me onde jaz inanimada
A Mulher, a quem eu não verei mais,
E que dorme num tumulo, gelada,
Sem ouvir o concento dos meus ais! —

E foram proseguindo a passo lento,
Do cemiterio na deserta rua,
Entre os ciprestes, sibilava o vento,
No céo, tremia solitaria a lua.

E o guerreiro da campa da agonia,
Que se avista no topo do caminho,
Ajoelha immovel, junto á lousa fria,
Como uma ave protegendo o ninho.

E apoz murmura trêmulo, alquebrado:
— Nesta campa tristissima, ninguem
Dirá que, mesmo inerte e inanimado,
Póde caber um coração de Mãe! ...

A DORA LAMBERTINI

De novo, eis Dona Dorinha,
Genio num corpo de flôr,
E — caso estranho! — andorinha,
Que vôa como um condôr.

As almas immaculadas
Choram ao vêl-a sorrir:
Foge das invias estradas,
Para beijal-a o rei Lear...

Cantam violinos ethereos. . .
Evohé! que esta andorinha
Roça nos mundos siderios. . .
— Logar a Dona Dorinha!

Perfumando a nossa alma,
Qual rouxinol a cantar,
Nas folhas da verde palma,
Banhadas pelo luar,

A sua imagem reluz,
Tão pequenina e tamanha,
Como uma hostia de luz
No alto duma montanha. . .

1890.

NUMA PAGINA DOS «LUSIADAS»

A EDGAR PRESTAGE

Quando leio este Livro, estranho e luminoso,
Em que soluça o amor e cantam as procellas,
Julgo entrever, no azul do espaço religioso,
Uma aguia que roça a aza nas estrellas...

POBRE MARIA!

Á MEMORIA DE MARIA D. P. DE L.

Pobre Maria, pobre Maria!
Ao vel-a morta, no seu caixão,
Diriam todos que ella dormia,
— Pobre Maria, pobre Maria! —
Como uma aéria, doce visão!
Sim: repousava... ninguem diria,
— Pobre Maria, pobre Maria! —
Que estava morta no seu caixão!

*

Pobre Maria, pobre Maria!
Criança meiga, como um perdão!
A terra é dura, silente, fria...
— Pobre Maria, pobre Maria! —
Guardemos antes o teu caixão,
Numa jazida menos sombria...
— Pobre Maria, pobre Maria! —
Dentro da alma... no coração!

1893.

NUNCA MAIS

Á EXC.ma SNR.a D. MARIA P. CHITTÚ

A FORMOSA Condessa Palatina,
Cujo olhar divinal me enlouquecia,
Com suas mãos patricias, deu-me um dia
Um ramo de amaranto e balsamina.

Guardei avaro a dadiva divina,
Dôce reliquia de ideal magia,
Num cofre de charão. Ali tremia
Não sei que essencia delicada e fina.

Essa jazida misteriosa abri-a,
Muitos annos depois: — sorte mofina! —
Evolara-se o aroma de ambrosia...

Mocidade doirada e levantina!
Procuro-te, chyméra fugidia...
Ó ramo da Condessa Palatina!

MADRIGAL DE LEQUE

Quatro mezes! um seculo de espéra!
Andei pelas provincias da Chyméra,
A sindicar de um sonho delicioso...
Não me lembrei do requintado leque!
— Algum rigido isento, que não peque,
Pode atirar-me a pecha de moroso.

Mas a dona gentil da ventarola,
Perdoando a demora, — isto consola! —
Ao ver a marca do meu passaporte,
Ha de achar nestes versos de esquesito,
Um ramo fresco, vívido e bonito,
De madresilvas e alecrim-do-Norte...

1890.

ANTHERO DE QUENTAL

(De Wilhelm Storck)

AO DR. JOSÉ PEREIRA BOTELHO

Inexpressivo e cheio de amargura,
O mundo afigurou-se-te prisão:
Pelas grades estreitas, — um clarão
Crepuscular de magoa e desventura.

Ao Ceifador de toda a criatura,
Contra a sorte, a luctar, clamaste em vão,
Que em seu negro corcél, como um perdão,
Te trouxesse o remedio á dôr escura.

Louco, baldado anceio! O teu destino
Continuou, desolado peregrino,
Que o descanço anhelavas, mudo e frio...

Ah! não vinha o sombrio Cavalleiro,
E pois — despedaçaste o cativeiro!
Choremos no teu feretro sombrio!

1891.

COLOMBO E ISABEL

A M.lle ALICE MODERNO

PARTIU. Cantava no alto das galéras,
No livre espaço, aos ventos ondulante,
Topetando nas lucidas esphéras,
O pendão de Castella triumphante.

Ia sorrindo ás nuvens do Levante,
Como quem abre á Historia novas éras.
O Mar arqueava o dorso de gigante...
— Acaso o conduzis, roseas chyméras?!

... Já não se avista o sulco dos navios...
Que pensamentos tragicos, sombrios,
Nos animos começam a nascer?!

... A Fé se refugia, unicamente,
Num coração ambicioso e crente,
Num coração heroico de mulher...

Julho, 19, 92.

Á ESTREMECIDA AMIGA

—

Na tua carta, eu li: — Este soneto,
Que tu quizeste que eu revisse, deu
Ao coração, que me tremia inquiéto,
Não sei que allivio intimo, do céo.

É para mim um mistico amuleto!
Velou-me a dôr, abençoado véo!
Parece escrito em singular dialecto,
Que eu nunca ouvira e que me alvoreceu... —

omo foi que essas rimas sem valia
Te deram, num minuto de alegria,
A sombra ideal duma consolação?

h! Margarida desfolhava anciosa
O malmequer da Sorte luminosa,
A perguntar-lhe se era amada ou não...

gosto.

ES

Uma « ava
Arrasan
Soluçam
Passa o

Ruge o M
Com se
Casas, a
Pela no

ESMOLA AOS DO NORDESTE

AO DR. H. DE PAULA MEDEIROS

UMA «avalanche» desce rudemente,
Arrasando as campinas e os vallados...
Soluçam na miseria os desgraçados,
Passa o vento indomavel e silente.

Ruge o Mar, esse estranho combatente,
Com seus turvos cachões revoluteados...
Casas, arvores, ramos, vão levados
Pela nortada rígida, inclemente.

Caridade! Mulher doce e gigante!
(Gigante de bondade!) vém, Mulher:
Que o teu dúlcido olhar, claro e vibrante,

Transforme aquella noite em rosiclér...
Derrama, nesses tristes, o profundo
Clarão divino, que illumina o mundo!

Ponta Delgada, 2, 12, 93.

REQUIEM

A J. OLIVEIRA ALVARENGA

Hão de levar-me palido e desfeito,
No silencio da Noite constellada,
Amortalhado no caixão estreito,
Sem uma benção de mulher amada.

Debruçada dum negro parapeito,
A minha santa Mocidade alada
Diz-me adeus. Mostra o rosto contrafeito
O coveiro de voz enregelada.

Dois amigos ou três, — leaes rapazes! —
Cobrirão de violêtas e lilazes,
Essa urna dos sonhos meus dispersos...

E, cortando o silencio angustioso,
O coro se hade ouvir, triste e choroso,
Das estrellas... que cantam os meus versos!

NATALICIOS

Á EXC.ma SNR.a D. GUILHERMINA DE PEREIRA MACHADO

Vossa Excellencia não tem
Quem mais admire no mundo
O affecto immenso e profundo
Do seu coração de Mãe...

É um relicario, em que brilha,
Como reflexo divino,
O santo amor columbino
Do seu coração de Filha...

*

Dualidade formosa,
Dualidade radiante,
Que tem, como resultante,
O seu coração de Espôsa...

Como um dôce rosiclér
De cristalina bondade,
O lirio da Caridade
Vem completar a Mulher:

Na sua passagem, fica
Um rastro consoladôr.
Nunca vi alma tão rica
Em dar allivios á dôr!

Por isso eu digo: — No mundo,
Vossa Excellencia não tem,
— Mulher, Filha, Esposa e Mãi, —
Admirador mais profundo,

E que com mais singelêsa,
Num dia tanto a preceito,
Beije, em perenne respeito,
As suas mãos de Princêsa...

DOIS MEDOS

(*De D. Ramon de Campoamor*)

Ao começar a noite misteriosa,
Em que a meu lado a vi,
— Não te aproximes —, disse côr-de-rosa,
Tenho medo de ti. —

Mas quando astros e noite esmoreciam,
Então, então lhe ouvi:
(E os seus eburneos braços me cingiam!)
— Tenho medo sem ti!

Ponta Delgada, 1893.

Não vês? Por entre as arvores frondosas,
Inda revôa, além,
O éco das perguntas maliciosas,
Que me fazia *alguem*.

Ha tanto já... — Parece que foi hontem! —
Ouvia-se chorar
(As pobres madresilvas que te contem!)
Ao longe, a voz do mar...

Tu cingias-me á timida candura
Das santas medievaes,
E os meus olhos tremiam na moldura
Dos teus olhos leaes.

Leaes? Póde ficar, pois que está escrito...
Cantava dentro em mim
O teu perfil dulcissimo e bonito,
Branco-mate e setim...

O sol, por entre as nuvens da agonia,
Olhava para nós
E — coisa estranha! — ás vezes parecia
Um dêsses bons avós,

Que vigiam, solícitos, piedosos,
O perfumado abril
De dois irmãos, — dois netos amorosos,
Lirios do mesmo hastil.

. . . . . .
. . . . . .

Mas que te importa o sol e que me importa
Uma aéria visão?
A nossa *intimidade* está bem morta...
E pôl-a no caixão!

Enterremos as dôces ladainhas
Do amor sentimental:
Deixaram de poisar as andorinhas
No teu branco avental...

1890.

CAMMINO PASSATO

(Versão da poesia anterior, por T. Cannizzaro)

FANCIULLA, al braccio stretti percorriamo
i prati freschi in fior,
dei verdi aranci odo tra ramo e ramo
un cantico d'amor...

Per me l'umido crin fa raggiustare
ch'io possa, o fior mio bel,
la scala di Giacobbe ancor lanciare
addosso al mio castel...

Non vedi? tra te piante più frondose
rivola ancor di là
l'eco de le domande maliziose
che fatte *alcun* mi avrà.

È tanto tempo!... e sembra appena un giorno!
quando s'udia plorar
(che narra il caprifoglio a te d'intorno?...)
lontan, l'eco del mar...

Una, parevi tu nel tuo candore,
vergine medieval
e gli occhi miei tremavano al fulgore
del tuo sguardo leal.

Leale?... è scritto e cancellar non l'oso,
cantava a me nel sen
bianco matto e rafato il tuo vezzoso
profil dolce e seren.

Il sole, tra le nubi agonizzante
ci guatava dal ciel,
e, a volte — strana cosa ! — avea sembiante
d'un qualche avo fedel.

Di quelli che vegliavano pietosi
di due german' l'april,
di due nipoti — due gigli odorosi
d'un sol gambo gentil.

. . . . . .
. . . . . .

Ma che t'importa il sole e che m'importa
la vision di ciel ?
la nostra *intimità* per sempre è morta;
l'adagia ne l'avel.

Seppelliamo la dolce litania,
l'amor sentimental;
piú non posan le rondini di pria
nel tuo bianco grembial.

1.° marzo 1892.

OS DOZE DE INGLATERRA

AO DR. A. A. DE CARVALHO MONTEIRO

ORA *isto* foi ha centenares de annos:
— Certos maraus cubriram de epigrammas,
Com ar apandilhado de tyrannos,
A fina flôr das mais formosas damas.

Os rufiões enchêram-nas de famas,
Foram duros, crueis e deshumanos:
Inventaram, clamando, escuros dramas,
De cobardias taes rindo-se ufanos.

Soube-se o caso em Portugal. As pobres
Demandavam, chorando, peitos nobres,
Que as vingassem das barbaras affrontas:

E uma duzia de altivos cavalleiros,
Acorrendo a taes vozes, sobranceiros,
Agarraram os biltres... pelas pontas...

1891, janeiro.

O REVERSO DA MEDALHA

(*Commentario do Soneto antecedente*)

Ah! como é triste recordar! A gente
Só por muito mau gosto é que, ainda, póde
Lembrar o antigo brio refulgente
Deste povo, — hoje o emporio do «pagode»...

Já não clamâmos o estridor da Ode,
O clangôr marcial e omnipotente!
Frizarmos o que fomos?! — O bigode
É que precisa *disso*, — unicamente!

*

Cavalleiros da Tavola Redonda!
A Verdade não ha quem vol-a esconda...
Submergiram-se as vossas caravellas...

Magriço jaz nas solidões do tumulo,
E os netos seus, — desventurado cumulo! —
São estes dessorados *magricellas*...

1891, março.

ROMANZA

—

Canta nas tuas janellas,
Á ondulação do luar
Branco, — da alvura das vélas
Que andam errantes no mar, —
De todas as philomelas
Talvez a mais singular...
O seu murmurio de estrellas
É feito para emballar...

Ah! nessas horas tão bellas
O meu Amor, a voar,
Anda nas tuas janellas,
Á ondulação do luar...

S. Miguel, 1893.

NO TUMULO DE XAVIER PINHEIRO

Não ficaste a dormir, na gelida morada,
Sob a guarda amorosa e triste dessa cruz...
Disseste-nos *adeus!* seguindo pela estrada
Da eterna evolução das almas para a Luz!

1889.

O TEU NOME

A M.me J. R. M.

Homenagem de altissimo respeito.

Do alvo interior das assucenas,
Evolou-se, a tremer de nostalgia,
A misteriosa e suave melodia
Do teu nome, — três sillabas apenas...
Tantas como as do nome de Maria!

Um orgão sonha em cathedral antiga,
Chora o mar ao crepusculo saudoso,
A estrella-d'alva canta. Nessa liga
Tem cada voz, num coro religioso,
Uma dessas tres sillabas, amiga!

Nellas soluça um rythmo de ballada,
Dum vago encantador, sereno e dôce,
Que vibra dentro em mim, como se fôsse
Um trêmulo diluvio de alvorada...
Tamanho alivio ao coração me trouxe!

Pela subida íngreme da Vida
Nunca um versículo entrevi, assim,
Nem legenda de Terra-prometida
Se inscreveu, mais piedosa e commovida,
Em peitoral de antigo paladim...

Quando eu era pequeno, a minha ama,
Em voz balbuciante de quem resa,
Contava-me uma historia de princêsa,
Que vivera encantada na Moirama...
Tinha o teu nome, tinha, com certeza...

« Era uma vês... » Todo o meu ser vacilla,
Vou num rio dulcissimo emballado:
Como que apalpo o vulto da Sibilla,
Sinto-me, a breve trecho, hypnotisado...
« Era uma vês... » Penso que estou a ouvil-a!

E, a meus olhos, perpassa, num instante,
Dormindo o somno dos encantamentos,
Cahida sobre o peito dum gigante,
A princêsa que, á noite, em seu mirante,
Vinha fitar os astros macilentos.

Dos seus anceios intimos cativa,
A alma cheia de infinitas magoas,
Melancolica, errante, pensativa,
Ao marulho monotono das agoas,
Adormecêra, — pobre sensitiva!

E o gigante prendeu-a em roseos laços,
Como uma pomba solitaria e mansa...
Levou-a por incognitos espaços,
E, ao poisar o seu corpo de criança,
Tornou-o estatua de marmoreos braços!

E assim ficou, num alto de montanha,
Muda, assistindo á marcha das idades,
Como deusa em fantastica peanha,
Desafiando o raio e as tempestades,
Immovel, hirta, singular, extranha!

Até que um dia um Cavalleiro passa,
Rebenta-lhe uma lagryma reprêsa...
Um nome dos seus labios esvoaça,
E da montanha desce, ampla de graça,
A mais formosa e lirial belleza!

O Cavalleiro, palido, estremece...
— Bemdito sejas tu! eu te esperava!
No gelo duma estatua, que esmorece,
Um vulcão comprimia a eterna lava...
— O Amor! o Amor! a sacrosanta prece!

E o Cavalleiro diz: — Vinha buscar-te!
Eu possuia o talisman sagrado,
Que de novo devia reanimar-te...
Demandando-te vim, como quem parte
Para a festa feliz do seu noivado...

EDWIGES

A CLEMENTE DE VASCONCELLOS

1

ENCONTREI-A uma vez ou duas, simplesmente...
Era dôce, e franzina, e meiga, e intelligente.

2

Que de sonhos azues no roseo coração!
O seio lhe arquejava, em mansa ondulação...

3

Olhos negros, em flôr, num rosto côr de opala,
Uma romanza ideal a commover-lhe a falla.

4

A fronte embebecida em timido scismar...
Sorrindo, consultava as solidões do mar...

5

Tremia de ventura; era noiva: esperava,
Num anceio feliz, o noivo, que a adorava...

6

Idolatrava-a o pae, completo homem de bem;
Tinha um nimbo de amor no coração da mãe!

7

E a acrisolada irman, que tanto a estremecia,
Era, junto ao seu vulto, a sombra que o seguia!

8

Vinte annos: uma aurora, — o despontar gentil
Dum lirio virginal, numa manhan de abril.

9

Que divino esplendôr, — ó sorte dolorosa! —
Da Morte acorrentado á noite misteriosa!...

10

Estatua da Amargura, interrogando os céos,
A avó, que a viu nascer, chora-a no extremo adeus!

1894.

*

MADRIGAL

PERGUNTARAM-ME ha dias se eu já tinha
Visto as grandes bellezas desta ilha,
Evocada ao contacto da varinha
Duma fada, — celeste maravilha...

O teu olhar, querida, meigo e mudo,
Mas falando, na timida mudez,
Envolveu-me num manto de embriaguez,
E apenas respondi: — EU JÁ VI TUDO!

Ponta Delgada, 1893.

NA JANELLA ORIENTAL

Abençoado o clarão que em mim tu derramaste!
Sabia que eras tu! Achei-te um lirio na haste,
Em pleno sol, aberto a tudo quanto é bello!
E encontro-me pequeno, ao pé de ti. Parece
Que uma benção me invade, um murmurio, uma prece,
Que vem do alto e roçou na luz do setestrello.

A benção maternal, que me allumiava outrora,
O murmurio do abrir da pupilla da aurora,
A prece por quem vae sobre as aguas do mar,
Fundiram numa casta expressão de saudade,
E deram afinal a dôce immensidade,
Que brilha no clarão tremente dêsse olhar!

Sabia que eras tu! E é assim que eu te avisto,
Com a etherea expressão, que tinha a Mãe do Christo,
Na pureza da fronte immaculada e leal.
Eras tu! E assim foi que eu te encontrei na vida,
Beatriz, Leonôr, Nathercia, Margarida,
Reunidas num vulto aéreo e matinal!

Que esplendôr de manhan! Das aves o violino
Cumprimenta gentil o teu vulto divino,
Esbelto, senhoril, purissimo, attrahente...
— O teu vulto que tem a harmonia dos astros,
E por junto do qual eu perpasso de rastros,
Como o indio que sauda o sol que vem no Oriente.

Eu tinha-te já visto. Eu sonhava-te. Anciava
O termo a esta prisão que me retinha escrava
A alma, num calvario impedernido e nu!
Subi. Vagueei no ar. Não me enganei. Podia
Nesse anceio morrer, morrer dessa agonia,
Mas tinha de te ver. Eras tu! eras tu!

Lagôa, Ilha de S. Miguel, 1893.

FRIA

Mas tu suspiras, tú arquejas,
E és de friesa glacial?!
Ah! — fria ou não! — bemdita sejas,
Nas orações do meu ritual!

Fria?! Mas eu curvo-me á estranha
Fascinação do teu olhar,
Tal como um cedro, quando o banha
A luz argentea do luar!

Fria?! Mas vem á tua face,
Quando contemplo o teu palôr,
Como se Deus a allumiasse,
Um luzentissimo fulgôr!

Fria?! Mas eu bem vejo o anceio,
Que te palpita juvenil,
E fez um ninho, no teu seio,
De cotovias em abril!

Fria?! Mas eu busco teus olhos,
Cheios de lagrymas leaes,
E o meu caminho, — um chão de abrolhos,
Veste-se de astros immortaes!

Fria?! Mas dêntre os arvorêdos
Os ninhos mandam-te canções!
Fria?! São frios os rochêdos
Donde rebentam os vulcões!

E tu suspiras, tu arquejas,
Nessa friesa glacial?!
Ah! — fria ou não! — bemdita sejas,
Nas orações do meu ritual!

Ponta Delgada, 1893, outubro.

A MISS MARY

—

Pediste-me um conjuncto eterno que tivesse
Orações, gritos, ais, auroras e canções,
As pérolas do amor e as lagrymas da prece...
Encontrei, afinal, tudo reunido nesse
Thesoiro, que te envio, — as *Rimas* de Camões.

1891, janeiro.

OIRO SOBRE AZUL

(Agradecendo as *Aspirações* de M.lle Alice Moderno)

«POESIA, mas poesia que console! »
Que cante, dentro da nossa alma, um hymno!
Que encha de luz o palido destino
Dos que não têm uma alvorada, um sol!

É assim que ella palpita, no arrebol
Dum estro, que revôa peregrino,
Ascendendo do timido crisol
Dum seio de mulher, — templo divino!

Mas bem melhor Poema, (por mais lindo
Que estes bellos poemas!) — formosissima
E dôce criação de amor infindo —,

Seria ver quem os sentiu, dulcissima,
No seu olhar magnetico cingindo
Uma Alice *mignonne*... e «modernissima»...

HAMILTON

Moço que tanto me encantaste,
Fugaz e limpido clarão,
Olha os amigos, que deixaste,
Tuas irmans, — lirios na haste, —
E a tua Mãe a quem varaste,
De lado a lado, o coração!

*

Pelos eirados, as cantigas
Vão écoando negros ais!
Olha as formosas raparigas!
Tinhas ali tantas amigas...
Ah! é preciso que lhes digas,
Assim tão palido, 'onde vaes!

Choram as rolas entre o fêno...
'Onde é que vaes nesse caixão,
Que até pareces mais pequêno?!
— 'Onde é que vaes, de olhar serêno,
Como o celeste Nazarêno,
Na sexta-feira da Paixão?!
. . . . . .

188...

Á MENINA E MOÇA

Á MENINA e moça, de olhos encantados,
Muito mais escuros do que os meus peccados;

Á menina e moça, de olhos singulares,
Da profundidade dos profundos mares;

Á menina e moça, de olhos pensativos,
Ermos, soluçantes, como dois cativos;

Á menina e moça, de olhos visionarios,
Como os dos poetas e os dos solitarios;

Á menina e moça, de olhos peregrinos,
Cheios de candura e de clarões divinos;

Á menina e moça, de olhos scintillantes,
Cantem os meus versos, — rouxinoes distantes!

1891.

NO BAIRRO DE SANT'ANNA

A XAVIER DA CUNHA

Lenta a noite caminha. Dôce e brando,
Dos bandolins o cantico plangente
Perpassa, as suas lagrymas escoando,
Via-lactea amorosa e transparente...

As estrellas, na altura, suspirando,
Com seu timido brilho opalescente,
Vão da etherea morada acompanhando
A toada, que treme vagamente...

Some-se ao longe a serenata suave,
E nem o vôo calmo duma ave
Pelos espaços limpidos deriva...

Mas, cortando o silencio, que quebranta,
Uma voz, que eu só oiço, chora e canta
As endeixas da Barbara-cativa...

1894.

ORAÇÃO

Que dia tão lindo!
Saudação da Estrella-d'alva.

PEREGRINO errante, peregrino errante,
Acho á tua porta uma constellação...
Venho do Occidente! venho do Levante!
Venho ungir-me, aurora! nesse teu clarão.

Trago os pés em sangue, — como o chão é duro! —
Vem comigo a noite, vem comigo a dôr!
Cobre-me no manto dêsse olhar tão puro,
Pelas cinco chagas de Nosso Senhôr!

Através de montes, através de valles,
Uma voz dizia-me: — Inda mais além! —
Quero que me alentes, quero que me emballes,
Num sorriso extremo de adorada Mãe!

Vim! achei um ninho sobre o teu regaço!
Doira-o de teus olhos o divino luar...
Tremo de ventura e tremo de cançasso...
Deixa-me fitar-te e deixa-me sonhar!

8 de outubro.

NA ILHA DOS AMORES

A JOSÉ BENSAUDE

—

— Senhor Prior! senhor Prior! eu venho...
— Nem sei como dizer! —
Mas tenho nisto, creia, todo o empenho,
Que mais não póde ser...

Uma estranjeira, — que divino assumpto!
(A mim, faz-me chorar!)
Pretende que lhe saiba, — e é o que eu pergunto! —
Como pode casar...

Dificuldades... certo que as presinto...
É por procuração...
Diga-me, pois, senhor padre Jacintho!
Como essas coisas são... —

— Mas eu não vejo aqui tal estranjeira,
Dentro do meu redil...
Quem é que vae, de flor de laranjeira,
Coroar-se gentil?

Preciso conhecêl-a. Emfim, a gente
Não dá indicações,
Á queima roupa, quasi... bruscamente,
Assim, sem mais rasões... —

E o bom Prior, que senta á sua mêza
Os christãos e os judeus,
Poz nos seus olhos toda a subtilêsa,
Interrogando os teus.

Como da aurora pelo azul se estende
O listrão virginal,
Assim a eburnea face te resplende,
Dôce e primaveral...

E o bom Prior, de olhar sereno e amigo,
Ó alma minha irman!
Viu-te fugir, buscando o santo abrigo
Das azas da Maman...

1892.

CONTRASTES

A CAETANO D'ANDRADE ALBUQUERQUE

MANHAN limpida, aberta ao sol vivificante,
Que incendeia, acordando, a rútila pupilla:
— Uma rocha escarpada ergue-se ao ar. Tranquilla,
Salmeia a voz do oceano, agrilhoado atlante.

Uma doçura extranha, uma harmonia vaga,
Contraste singular do tragico momento,
Em que o pico surgiu, extraordinaria adaga,
Rompendo o flanco ao mar, num impeto violento!

Então, da Naturesa o tôrvo cataclismo
Explodia, ululando, em tabidas cratéras,
Como um fulvo leão, rugindo o paroxismo,
Ao pavido clamôr dum circulo de féras!

Que santa placidês, agora! Solitario,
O poeta entrevê, na sua ingenua crença,
A sombra do que foi o Dante visionario,
Encontrando Beatriz nas ruas de Florença...

Ilha de S.ta Maria—Dezembro, 93.

A TOMMASO CANNIZZARO

Sim! Poeta do Amor e do Resgate,
Solto ao vento o balsão alvinitente!
Sonhador da Verdade transcendente,
Soldado, — presto á arena do Combate!

Assim, cravas a estrêlla do acicate
No corcel, em que montas, triumphalmente;
Assim, vaes, na armadura refulgente,
E o sol oriental teu elmo bate!

Meus olhos seguem, avidos, a estrada,
Onde a tua figura constellada
Perpassa, lucidissima Visão...

E a minh'alma abençoa o sonho puro,
Que te guia, em demanda do Futuro,
Meu mestre, meu amigo e meu irmão!

1894.

CONVERSANDO

—

Por muitas vezes, tenho-me lembrado
Do teu *quarto* final, — já reservado! —
Ao pé do teu Avô, no cimiterio...
Scismo... Escuta: ficava consolado
Se ambos nós combinassemos... a serio,

*

Uma coisa, afinal, bem praticavel:
Eu *iria* primeiro, se deixasses
Que me acolhessem, num tão santo abrigo...
Depois, — compensação! — quando chegasses,
Achavas, num *quentinho* confortavel,
O coração do teu melhor amigo...

1893—S. Miguel, Açores.

CHEIA DE GRAÇA

A M. DUARTE D'ALMEIDA

Esta manhan, a minha bem amada
Vi-a passando, religiosa e calma,
Airôso vulto de cerulea palma,
Aberto o leque ao alvôr da madrugada.

Que mulher singular e abençoada!
Todo asul, o interior daquella alma!
Quando a contemplo, a magoa se me acalma,
Arco-iris de amôr e de alvorada.

Taciturno, abeirei-me da janella...
Uma andorinha disse: — Lá vae Ella,
O seu luar offusca o dos espaços... —

E uma arvore, ao longe, solitaria,
Tremia na raiz, ouvindo a aria,
Tão dôce e tão bonita, — dos seus passos...

S. Miguel — Outubro.

NO MAR

A M.mo DE ARNTZEN

SONHO: parou-me o coração, de frio...
No convés começaram a rezar,
As ondas assalteiam o navio,
Noite escura, gelada, sem luar.

Soluça o vento um cantico sombrio...
Morto *ali!* que saudades do meu lar!
Os mastros são o cyprestal esguio...
É tão distante ainda a beira-mar!

Sonho: sigo, boiando á tona-d'agoa,
Abandonado á compassiva magoa
Das vagas, que me emballam, fluctuantes...

Mas como a minha amada me beijasse
O beijo della vae na minha face
E allumia o caminho aos mareantes...

Ilha da Madeira — 10, dezembro, 1893.

BALLADA

AOS IRMÃOS ARRUDAS, AUGUSTO E SEBASTIÃO

PELA montanha, vae subindo
Um Cavalleiro, ao vento a lança,
No olhar sereno, reflectindo
Um quê de heroe e de criança.

Reina um silencio religioso,
(Caliginosa escuridão!)
Assim, o Christo doloroso
Chorou a estancia da Paixão!

E o Cavalleiro vae galgando
O alto asperrimo e silente,
Mudo, nas trevas, contemplando
Um mundo extranho e refulgente.

E vae subindo, vae subindo,
Como em demanda do cimal...
Rutila o cactus, entreabrindo
O peito á noite sepulcral.

Ouve-se — e corta a aragem fria —,
Como um punhal agudo e nu,
A voz marmorea da Ironia:
— Ó Cavalleiro! 'onde vaes tu?

Madrid, 1892.

INDICE

—

	Pag.
Dedicatoria	5
Canção	9
Blasphemia sentimental	13
Santa Iria	15
Alvéloa	17
O coveiro	19
Sulamita	21
Pudorina	23
Siamo fratelli	25
Guidinha	27
Dea admirabilis	31
A Antonio Fogaça	33
No leque de Mimi	37
Na morte dos filhos de Th. Braga	39
Comedia a serio	41
Chaile azul	47
Vogando	49
No cemiterio	53
A Dora Lambertini	55
Numa pagina dos «Lusiadas»	57
Pobre Maria!	59
Nunca mais	61
Madrigal de leque	63

Pag.

Anthero de Quental 65
Colombo e Isabel. 67
Á estremecida amiga 69
Esmola aos do nordeste. 71
Requiem. 73
Natalicios 75
Dois medos. 79
Caminho andado 81
Cammino passato 85
[1] Os doze de Inglaterra 89
O reverso da medalha 91
Romanza. 93
No tumulo de Xavier Pinheiro 95
O teu nome. 97
Edwiges. 105
Madrigal 109
Na janella oriental 111
Fria 115
A miss Mary 119
Oiro sobre azul 121
Hamilton. 123
Á menina e moça. 125
No bairro de Sant'Anna 127
Oração 129
Na ilha dos amores 131
Contrastes 135
A Tommaso Cannizzaro. 137
Conversando 139
Cheia de graça 141
No mar 143
Ballada 145

[1] A data desta poesia deve emendar-se para 1890.

ANTHERO DE QUENTAL

Odes modernas 400
Thesouro poetico da infancia 400
Em papel superior. 500

CASIMIRO D'ABREU

Primaveras (com uma rica cartonagem) 700

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Poesias . . . . . 1$000
Novas poesias . . . . . 1$000
Poesias posthumas . . . . . 1$000

JOAQUIM DE ARAUJO

Occidentaes, versos. 500
Primeiras leituras 400
Intermezzo de Heine, edição de luxo. 300
A Commissão Portugueza da Exposição colombina. . . . 300
Luis de Camões (3.ª edição, com um prologo de Eça de Queiroz) 300
Flores da noite. 500

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM

Poesias 600

LUIZ DE CAMÕES

Os Lusiadas, prefaciados por Theophilo Braga (com uma rica cartonagem). 200

LUIZ DE MAGALHÃES

Primeiros versos. 500

SOARES DE PASSOS

Poesias 300
Com uma rica cartonagem. 500

THEOPHILO BRAGA

Folhas verdes 500
Tempestades sonoras 500
Torrentes. 600
Visão dos tempos. 500

THOMAZ RIBEIRO

D. Jayme, edição completa. 800
Com uma rica cartonagem. . . . . 1$000
D. Jayme, das escólas 400
Com uma rica cartonagem. 600
Delfina do mal. 800
Dissonancias. 600
A indiana, entre-acto em verso. 300
Sons que passam 600
Com uma rica cartonagem. 800
Vesperas . . . . . 1$000

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 70

YB 03605